julho 71 nº 10

O COMUNISTA

SINDICALISMO E LUTA DE CLASSES

1. A luta Sindical aparece hoje como um factor de extrema importância no combate que opõe o trabalho ao capital.
O facto de alguns sindicatos contituirem um ponto de atracção para as categorias profissionais que representam, vem colocar novas questões aos marxistas-leninistas portugueses:
a) os "novos" sindicatos mudaram de qualidade ou de natureza?
b) qual é a situação objectiva e subjectiva do operariado e do campesinato, quer dizer, das forças essenciais da Revolução?
c) qual é a linha justa a seguir, tendo em conta a nossa realidade organizativa, e a linha política que defendemos?
2. Para que seja possível uma resposta científica a estas questões, tentaremos prèviamente expôr os dados do problema.

CARACTERISTICAS DOS ACTUAIS SINDICATOS:

a) Pouca força política e pouco poder mobilizador - A sua mobilização só se faz a partir de certas fugas legais - apesar de defenderem os interesses profissionais dos trabalhadores, só vão até onde o governo permite. As greves, as principais reivindicações profissionais da classe passam-se sempre a nível clandestino e expontâneo; o sindicato tem o papel do silêncio, de moderação e mesmo reaccionário, quando tem de optar entre a sua destruição (como estrutura), e a defesa dos interesses dos trabalhadores.

b) Poder absoluto do Estado sobre os sindicatos- Estes organismos podem ser destruídos a qualquer momento pelo Estado. O que leva a que os sindicatos actuem dentro da seguinte ambiguidade: defesa dos interesses dos trabalhadores, naturalmente opostos aos do Estado Corporativo, e por outro lado defesa simultânea dos sindicatos corporativos. Esta ambiguidade leva a que o sindicato, posto numa "camisa de forças", tenha de capitular quase sempre, não podendo nunca elevar o grau de combatividade da classe operária nem defender os seus interesses. E sem elevar o grau de combatividade da classe, nem a sua força política, os sindicatos tornam-se presa fácil da arbitrariedade da ditadura burguesa.

c) Orientação legalista e pacifista da luta - Abaixo assinados, concentração dentro da ordem para "apoiarem" e não para manifestarem, a defesa dos seus interesses junto do Ministro da Corporações, Assembleia Nacional, Presidente do Conselho, etc.

d) Isolamento de cada sindicato- Nunca se conseguiu ligar todos os sindicatos numa federação sindical, nem sequer a nível clandestino; o que faz com que o apoio de toda a classe trabalhadora aos seus camaradas, não seja senão o de enviar telegramas e abaixos assinados às corporações e outras entidades governamentais. São ainda obrigados a admitir que o governo não permita a troca de opiniões entre os sindicatos, como seja o proibir a presença de observadores, exigindo a identificação à porta das Assembleias Gerais, controle esse efectuado pelos militantes sindicais! A informação sindical é diminuta e o próprio sindicato não está a par de muitos dos movimentos reinvindicativos dos trabalhadores.

AS DIFERENTES TENDÊNCIAS DE "ESQUERDA" E OS SINDICATOS

• Reformismo- Assente ùnicamente no combate pelas reformas e pelos aumentos de salários, separando a luta económica da luta política, refreando as lutas de massas, limitando-as sempre ao estrito quadro da legalidade corporativa. Corrente principalmente representada pelo partido "comunista" português, organização que defende a actual estratégia sindical como sendo a mais correta. Esta posição política leva a que o P"C"P caia frequentemente na ambiguidade que os sindicatos enfrentam: actuação como moderador, para proteger os sindicatos corporativos da repressão!

O facto de nunca ter sido capaz de resolver esta contradição de um ponto de vista revolucionário, o facto de ser um partido que na clandestinidade faz o papel do sindicato, define concretamente o P"C"P: não é uma força política para a conquista do poder, e como tal reforçando sempre as lutas profissionais de classe, mas sim um partido clandestino ùnicamente preocupado com a luta economista.

(cont. na pág 2)

(cont. da pág anterior)

SINDICALISMO . LUTA de CLASSES

• Anarco-sindicalismo- Definição do sindicato como a forma superior de organização da classe operária; definição mítica da greve geral- ela seria o elemento que pelo seu aparecimento, provocaria o esmagamento imediato do capitalismo. Tendência com pouca influência no nosso actual movimento operário.

• Sindicalismo revolucionário- Tentativa de criar o espírito sindicalista; confunde-se o sindicato, estrutura profissional de classe, com a estrutura política "partido". Leva na sua expressão superior à tática de ocupação de fábrica e da tentativa de instauração do "duplo poder" (ao lado do poder da burguesia, o poder oficial, apareceria o poder operário, "controlando a produção, dominando o capitalismo do interior"), teoria trotskista aplicada em vários países da América Latina. Esta linha conduziu a graves fracassos desses movimentos proletários, esmagados pelos exércitos da burguesia, indefesos porque isolados das outras camadas da população. Este isolamento verifica-se precisamente porque elevando miticamente a força da organização sindical, o operariado tinha desprezado o factor essencial para a vitória sobre a burguesia, o reforço do partido comunista marxista-leninista, aparelho de enquadramento das lutas populares.

• Esquerdismo- Define-se pelo total abandono dos aparelhos sindicais. Não analisando correctamente a situação subjectiva da classe, nem as condições objectivas de cada sindicato, muitos militantes revolucionários caíram em posições radicais burguesas, por reacção ao reformismo. Desprezando as formas primárias organizativas da luta económica do proletariado, perdem assim uma arma fundamental de penetração no seio das massas.

AS MASSAS TRABALHADORAS

► Ignorância sindical- As largas massas nunca seguiram a palavra de ordem do P"C"P, de ida para os sindicatos nacionais, sempre encararam o sindicato pelo que era realmente, um escritório avançado dos patrões e da PIDE dentro de classe operária. Longos anos de paragem de luta sindical, conduziram ao actual estado de confusão das classes trabalhadoras: consideram que pedir aumento de ordenado já é ser comunista, e quando conseguem uma pequena cedência da burguesia gritam vitória, esquecendo que os tostões que ganham a mais são recuperados dias depois com os aumentos dos preços. Não sendo informadas do que é um "sindicato trabalhador", do que é um sindicato, e dos estratagemas da legislação corporativa para colocar os sindicatos numa "camisa de forças", as massas trabalhadoras encontram-se num estado de plena confusão, não conseguindo distinguir entre os vários militantes que aparecem como defensores dos seus interesses, e que têem as mais variadas posições políticas sobre a luta económica.

► Maior capacidade de luta- Depois de um longo silêncio, (principalmente nos anos 50), os trabalhadores portugueses acordam progressivamente para a luta. As greves e manifestações multiplicam-se, a solidariedade popular desenvolve-se, a violência de massa começa a aparecer. Esta mudança qualitativa da acção, consequência natural das contradições com que se debate o capitalismo português passa ao lado das estruturas sindicais e do seu tradicional apoio clandestino - o partido revisionista.

► Inexistência de enquadramento político - A maior parte da luta continua a desenrolar-se fora dos aparelhos políticos, mesmo dos mais recentes e com uma perspectiva de combate mais correcta: passagem de luta económica à luta política, definição justa das etapas que conduzirão à insurreição popular.

a burguesia e a luta sindical

O desenvolvimento da burguesia portuguesa exige-lhe um processo monopolista acelerado com um correspondente aumento da produção e aumento de consumo. Essa via, indispensável para chegar ao diálogo com o capitalismo internacional, é uma utopia sem a colaboração das massas trabalhadoras, a maior percentagem das forças produtoras e consumidoras.

Mas como pensar que elas irão consumir, se não têm o dinheiro necessário para comprar? Como pensar em aumentar o ritmo de trabalho, por conseguinte de produção, se os salários não acompanham o ritmo do aumento dos preços? E ainda: como falar neste problema ao operariado, evitando que essa luta económica seja imediatamente canalizada para uma luta política?

Esta a contradição principal com que o Governo se debate: precisa de assegurar a colaboração do operariado e do campesinato, e não possui os aparelhos de controle dessas classes.

Como tentará a burguesia resolver esta contradição?

Autorisando a luta sindical, (2) "dentro da legalidade e o espírito de colaboração, nunca como arma subversiva"; aceitando algumas das reinvindicações operárias, comprando assim a boa vontade do povo trabalhador. Mas o operariado português não tem experiência de luta sindical, e toma os seus sonhos por realidades: os Metalurgicos avançam tais exigências, tão fora das regras do jogo que o Governo queria impôr, que a direcção não foi homologada; os Caixeiros vão em número de 2.000 apresentar os seus pedidos a S.Bento, a burguesia, (também inexperiente da luta económica) teve tanto medo que deu ordem para que a polícia massacrasse os manifestantes!

Parece, portanto, que a dinamisação sindical aberta também não interessa hoje ao Governo. E porquê? Porque, em Portugal, ao contrário dos países capitalistas europeus, não existe um partido político fortemente enraizado nas massas, que pudesse, porconseguinte, como se passa em França e em Itália com os Partidos Comunistas da linha de Moscovo controlar a luta operária e limitá-la à "ordem e legalidade".

Outra hipótese de resolver a contradição, seria a de favorecer o aparecimento de quadros dirigentes sindicais, independentes de Partidos Políticos mas cuja acção corajosa e determinada lhes valesse o apoio das massas; esses dirigentes sindicais seriam posteriormente objecto da corrupção ou da coação indirecta, começando a constituir a nossa primeira franja de aristocracia operária. Estariamos aqui mais perto da linha de domínio da classe operária posta em prática nos EUA, na Inglaterra, na Alemanha e nos países do Norte da Europa.

Também esta hipótese pertence hoje ao reino da utopia, pois a aristocracia operária aparece como consequência de grande desenvolvimento capitalista e consequente intensificação da acção política do proletariado, condições inexistentes no Portugal de hoje.

Como tentará o Governo resolver a contradição, por enquanto insolúvel?

Legalizando o PCP, ou a ASP; esperando assim que os aparelhos dos reformistas funcionem como travão da classe?

Parece-nos ser esta a hipótese mais viável, mas não a curto prazo; Por enquanto o Governo tentará criar uma força política, com uma ideologia segura infiltrada nas massas (3), criará os seus quadros sindicais, resolverá as contradições mais graves do capitalismo português, através de soluções neo-colonialistas para a guerra em África, e de industri

cont. na pág 3)

(cont. da pág 2)

********** **sindicalismo e luta de classes** **********

alização acelerada para o fomento do aumento da procura de mão de obra.

Até lá, a linha d burguesia em relação ao problema sindical não poderá deixar de ser ambigua e hesitante, mistura de cedências e repressão.

como definir uma linha comunista?

A definição de uma linha correcta de actuação sindical, pressupõe uma consciência clara das necessidades de uma acção revolucionária contra a burguesia. Sem uma linha táctica de acção ilegal partidária definida, é fácil ver os militantes cair no reformismo economicista ou no sectarismo e dogmatismo esquerdista.

Concretizemos: a luta económica, porque é uma luta referente às necessidades concretas e imediatas das massas, é um dos pontos fundamentais onde deve incidir a agitação e propaganda dos comunistas; essa acção junto das massas vai-lhe proporcionar a implantação indispensável para o desenvolvimento e fortalecimento da acção política que se apoia na insurreição popular.

Mas a luta económica tem limitações que os revisionistas não querem ver: "A luta económica é a luta colectiva dos operários contra os patrões para conseguirem condições vantajosas da venda da força do trabalho, para melhorar as condições de trabalho e de vida dos operários" - "Que fazer?" - Lénine. Esta limitação conduz a que a luta seja ineficaz do ponto de vista de aumento qualitativo da consciência do proletariado se não for utilizada para reclamar do Governo que ele deixe de ser ditatorial e autorize as práticas democráticas populares.

Trata-se,em suma, de utilizar o movimento reivindicativo como um dos elementos integrantes de luta de classes que opõe o proletariado à burguesia

O que implica que a luta economica nunca poderá servir a colaboração de classes adiando interminàvelmente o combate que libertará os oprimidos e esmagará os opressores.

Outro desvio é a utilização das estruturas sindicais como aparelhos fundamentais da luta revolucionária do proletariado; esses os erros do anarco - sindicalismo e do sindicalismo revolucionário.

A possibilidade do aparecimento destes desvios , prova a necessidade de possuirmos uma linha extremamente concreta e definida sobre a questão, para que se evitem oportunismos da direita ou de esquerda, factores de atrazo no nosso movimento.

Para que se evitem posições sectárias ou dogmáticas em relação ao problema sindical, os militantes devem proceder a um inquérito detalhado e profundo focando os seguintes pontos:

1. OS SINDICATOS
   a) Quais são os sindicatos existentes?
   b) Que classe profissional abrangem?
   c) Quantos sócios têm?
   d) Quantos sócios activos (militantes sindicais)?

2. OS SINDICATOS NACIONAIS SÃO ORGANISMOS DE MASSA?
   a) Os trabalhadores estão de facto no SN?
   b) Há alguma vida associativa nas sedes ou delegações do SN?
   c) São frequentados por qualquer massa operária mesmo diminuta?
   d) Há palestras, bibliotecas, festas, reuniões promovidas pela Direcção e frequentadas por operários?
   e) Há alguma circulação de jornais ou outra propaganda dos SN?
   f) Há contactos de alguma espécie entre as Direcções e a massa?
   g) Existem nas fábricas quaisquer delegaçoes com qualquer espécie de influência ou autoridade, mesmo sobre a massa atrazada?
   h) Os SN são organismos de massa ou simples sedes, repartições burocraticas, onde os operários se dirigem por vezes, quando querem apresentar as suas reclamaçoes?
   i) Qual a relação entre os sindicatos e os operários? Existem estruturas montadas que possibilitam a participação activa na decisão, na orientação de toda a vida sindical?
   l) Como vêm os operários a função dum sindicato?
   l) Como vêm os operários o actual sindicato?
   m) Qual foi o papel do sindicato até agora? defensor dos interesses da classe, dinamizador primário da consciência de classe?
   n) Informam e trazem a classe informada dos acontecimentos do dia a dia da classe profissional que defendem?
   o) Informam e trazem a classe informada dos acontecimentos dos outros sindicatos: das lutas de massas? das reivindicaçoes de classe? da repressão e das atitudes das entidades patronais sobre a classe?
   p) Quais as estruturas de que o sindicato dispõe para os operários se defenderem e lutarem contra os abusos do patronato?
   Qual a orientação e atitude que o sindicato toma nesta altura? Os sócios são informados do que se passa e participam na decisão?
   q) Como luta o sindicato em relação aos problemas imediatos da classe?

   1.- Ritmos de trabalho: Produção mínima obrigatoria; sistema de prémios e incentivos; roubo de tempo através de relógios atrazados e outros sistemas; trabalho à tarefa.
   2.- Condições de trabalho: Turnos; acidentes de trabalho; despedimentos; campanha de produtividade da empresa; condições de higiene; horas extraordinárias; percentagem legal sobre os salários; regalias sociais; reforma; 13º mês; número de horas trabalho semanal.
   3.-Tentativas de divisão da classe operária: Títulos de trabalho; com participação nos grupos da empresa; gratificações; prémios de assiduidade; hierarquisação.
   r) Como luta o sindicato quanto às condiçoes de vida gerais da classe trabalhadora? Custo de vida; habitação; instrução; descanso; condições mínimas de vida salutar; segurança familiar; assistência à familia; cantinas; creches; protecção à mulher; protecção à criança; protecção aos velhos; assistência médica.
   s) Em relação a estas duas alíneas quais as campanhas de esclarecimento, informação ee desmistificação, são feitas pelos sindicatos?

   Estas interrogações estão ligadas a outras indispensáveis para a definição de uma táctica justa em relação aos actuais sindicatos.

3.-Os SN SÃO ESTRUTURAS OPERARIAS OU CORPORATIVAS?
   a) O actual controle do Estado fascista e do patronatosobreos sindicatos dá alguma possibilidade duma estrutura legal defenderos interesses da classe?
   b) Terão as classes trabalhadoras possibilidades de ir saindo do controle patronal e oficial?
   c) Qual é o controle corporativo dos sindicatos?

(cont. na pag 6)

A GUERRA, A PROPAGANDA COLON

Quando nasce nos homens a consciência de que as instituições sociais vigentes são irracionais e injustas, de que a razão se converteu em insensatez e a benção em praga, isso não é mais do que um indício de que nos métodos de produção e na forma de distribuição se produziram silenciosamente transformações com as quais já não concorda a ordem social talhada segundo o padrão de condições económicas anteriores. E assim já está dito que nas novas relações de produção têm forçosamente que conter-se - mais ou menos desenvolvidos - os meios necessários para pôr termo aos males descobertos."E esses meios não devem ser tirados da cabeça de ninguem, mas a cabeça é que tem que descobri-los nos factos materiais da produçao, tal e qual a realidade os oferece." (ENGELS -Socialismo utopico, socialismo científico.

O colonialismo é uma forma caduca, velha, que procura encerrar na sua fraca estrutura a fortecen tradição entre a exploração do trabalho e rapina das riquezas dos povos colonizados por um lado, e por outro a tomada de consciência dessa exploração por esses mesmos povos; além disso é uma forma que aliada ao sistema político português (fascismo) procura conciliar também os reais interesses das massas trabalhadoras portuguesas com os interesses do capital colonial-monopolista (daí a falsa liberalização marcelista e a consequente demagogia)

É nesta forma de apaziguamento demagógico e na falsa e periclitante posição em que o governo se encontra (a qual tem de esconder e dar uma ideia, falsa, de força e razão) que se inscreve o artigo: "A GUERRA EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE ESTÁ PRÀTICAMENTE ACABADA", saído no "Século" e da autoria de um deputado conservador inglês.

O simples facto de:

-o artigo ser escrito por um estrangeiro

-esse estrangeiro ser precisamente um inglês e deputado conservador;

leva-nos a observar, para já que:

1º As notas oficiosas e os artigos de portugueses (por demais comprometidos com a exploração e o colonialismo) já não servem como aval de verdade;

2º É estranho que a "verdade" em relação às colónias portuguesas venha de um inglês, quando é sabido que grande parte do capital que explora essas mesmas colónias é inglês ou anda a ele ligado, (CFB, Diamang, CADA, Algodoeira, Chá, Cabora-Bassa, petróleo, ferro, transportes, etc.);

Talvez, à primeira vista, não valha a pena perder tempo a analizar os artigos de propaganda que saem nos jornais estrangeiros (o governo português pagou em 1961 a uma empresa de publicidade americana um milhão de dólares para efeitos de propaganda contra os movimentos de libertação). Mas precisamente por isso, porque a propaganda é demagógica e porque ela tende (e consegue até certo ponto, dada a sua aparência e exclusividade) a adormecer a consciência dos trabalhadores portugueses, impedindo-lhe que reconheça nos que os exploram, os mesmos que exploram os povos das colónias, é preciso nao deixar passar tais artigos sem os desmistificar e sem repôr a verdade.

Assim, ao abordar o artigo em questão e para o fazer com uma prespectiva crítica, procuramos seguir o seguinte método:

1º Verificar as contradições internas do artigo e o ponto de vista de classe que ele defende;

2º Verificar as contradições entre o artigo e a realidade, de modo a dar, com apoioem factos e números concretos, a ideia e o grau de falsidade do que se afirma no artigo;

3º Analizar de forma exaustiva, para se mostar como todos os revolucionários podem, mesmo com poucos meios técnicos e organizativos, contribuir para que a mentira e a demagogia sobre os acontecimentos e a a realidade portuguesa não passem em claro e impunemente;

Posto isto, vamos ao assunto.

O que nos diz o senhor Patrick Wall:

Como exemplo de"desenvolvimento" económico digno de menção, refere-se o senhor Patrick Wall ao projecto de Cabora-Bassa que vai dar pão, saúde e dinheiro a toda agente. Ora por informações de sectores oficiais, somos esclarecidos do seguinte:

1ºA barragem não é feita, principalmente, para irrigação, basta ver:
a sua albufeira, o sítio escolhido, as suas principais caracteristicastécnicas;

2ºO seu objectivo fundamental, a produção de energia, ultrapassa de longe as necessidades de Moçambique, não sendo a razão primeira desse potencial a previsão e o incentivo da economia moçambicana, mas sim os interesses energéticos da África do Sul, a tal ponto que o concessionário da exploração da energia é uma firma sul-africana;Moçambique, quando quizer energia, terá de a comprar à dita firma sul-africana;

3ºO tal "milhão " de pessoas que o governo pretende instalar na zona da barragem são colonos portugueses (...instalar um milhão de portugueses no vale do Zambeze, o que terá uma grande importância para o futuro de Moçambique mas também para todo o Sul de África...-Diário de Notícias Dez. 1969). Para isso tenta-se desviar a emigração, da Europa e canalizá-la para Moçambique. Existem em França e Alemanha agências que oferecem 10 contos por mês a cada possível colono;

Ao fim de 400 de formação de bons portugueses... para os quais o colonialismo empre dedicou os seus serviços e esforços (Escravatura, trabalho forçado, repressão, imposto, salários de miséria, pocilga e esterco para morarem, rusgas e porrada para trabalharem, a instituir a mulher negra como prostituta oficial, as crianças negras como criadas das crianças brancas, etc. etc.), o governo vai por fim fazer uma "transformação profunda..." O governo continua a fazer demagogia e, o mais grave, a tentar fazer de todo o povo português seu comparsa.

Em 400 anos de dominio político e económico nunca foi preocupação para os colonialistas a"vida dos povos colonizados" a sua preocupação foi a pilhagem das riquezas do país e a exploração desenfreada da força de trabalho de milhões de homens, mulheres e crianças;

Adiante, o senhor deputado"conservador" na sua deslocação verificou que a guerra em Angola pràticamente acabou ou existe em áreas restritas.

Se é assim perguntamos:

1º Por que há um aumento do tempo de prestação do serviço militar (inscrição aos 18 anos 24 meses de serviço nas colónias, 4 anos para o recrutamento colonial)?

IALISTA E OS FACTOS:

2º Por que há um aumento vertiginoso do contingente militar (perto de 200.000 homens), das forças para-militares (milícias, OPVDC) e das forças policiais (PSP, polícia montada), dos postos e agentes da PIDE, dos mercenários (TE,GE,Flechas, Katangueses, Sul Africanos)?

3º Por que há uma renovação total do equipamento militar?

4º Por que em cada 10 escudos do orçamento português, 6 são para a guerra?

5º Porque será que o caminho de ferro de Benguela que atravessa Angola, tem ao longo da sua linha, as pontes e os locais estratégicos isolados por arame farpado e com vigias armados?

6º Porque será necessário nessa linha uma automotora com homens armados à frente dos comboios, e que os comboios de passageiros a partir do Munhango só circulem de dia?

7º Como se justifica o levantamento da população branca de Teixeira de Sousa exigindo a demissão do governador do Distrito e do Comandante da Região Militar?

8º Por que será que na Assembleia Nacional se proíbe a discussão de um assunto que "não existe" (a guerra não se discute)?

Com a sua "verdade" conservada em mau azeite o senhor deputado conservador inglês não nos responde. Recorramos pois a um documento oficial português (peritrep fev/ang.) orgão de informação secreto do exército colonialista, de acesso exclusivo dos comandantes de companhia:

PERITREP - Região Militar de Angola para o período de fevereiro de 1971.

Acções
- Fogo contra as nossas tropas -- 666
- " " as populações ----- 59
- engenhos explosivos ----------54
- outros ---------- 4

FNLA 54 acções violentas
- 46 - Frente norte
- 6 - " Cuango
- 2 - " Leste

MPLA 114 acções violentas

UNITA 6 acções violentas

Extravio de B.I. militares em Luanda. Aumento de indocumentados sitos em Luanda. Apelo à deserção dirigido aos funcionários civis africanos e aparecimento de manuscritos e frases subversivas em dois estabelecimentos de ensino de Malange e numa unidade militar de Sá-da-Bandeira:

Falta ao trabalho dos operários da SATEC, Dondo e numa fazenda em Campole por altura de 4 de Fevereiro (1)

Agitação dos Mucubais na região de Vila Arriaga(Huíla).(2)

BAIXAS DA NOSSA TROPA

Acções de fogo 49(29)
- mortos -- 13 (12)
- feridos -- 36(17)

outras acções 3(14)
- mortos -- 1
- feridos - 2

engenhos 61(33)
- mortos 7(2)
- feridos -54(2)

Soma 113(66 nº do mês de Janeiro)

ACTIVIDADE DA NOSSA TROPA

Apresentados	612(367)	› 67%
Presos	1196(4706)	›134%
Fugas	46(276)	‹ 83%
Raptos	131(207)	‹ 37%

› = maior
‹ = menor

MATERIAL CAPTURADO

Metralhadoras ligeiras	4
Pistolas metralhadoras	16
Espingardas	23
Minas anti-carro e anti-pessoal	19
Granadas de mão	48
Munições	2234

Nota-se um aumento de actividade do inimigo preparando-se no Congo para entrar. Aumento da sua organização também.

Camaradas, é dever romper todas as barreiras do silêncio. Não permitir o jogo e as campanhas de mistificação dos fascistas. A mais ampla informação e difusão de todos os jogos diários do fascismo em todos os aspectos da vida quotidiana é um dever revolucionário, é uma forma de luta e organização.

• • •

NÃO AO SILÊNCIO QUE O FASCISMO NOS IMPÕE

ABAIXO COM A MORDAÇA FASCISTA

ORGANIZEMOS CAMPANHAS DE INFORMAÇÃO E ESCLARECIMENTO

ORGANIZEMOS GRUPOS DE DISTRIBUIÇÃO DE PROPAGANDA

ORGANIZEMOS GRUPOS DE AGITAÇÃO

ORGANIZEMOS GRUPOS DE LUTA ANTI-COLONIAL:
no exército
nas fábricas
nos locais de trabalho
nas escolas

•

NOTAS
(1) - O Dondo fica a 180 Km. de Luanda
(2) - Vila Arriaga fica a 700Km. da fronteira.

SINDICALISMO • LUTA de CLASSES

(cont. da pág. 3)

d) Terá esse controle influência no actual carácter reacionário e reformista dos sindicatos?

e) Quais as lutas conduzidas pelo sindicato no sentido de conscienciencializar a classe trabalhadora da necessidade da luta contra a legislação e normas corporativas que transformam o sindicato num sindicato fascista e portanto com interesses antagónicos à classe trabalhadora?

f) Poderá o sindicato na actual situação, conduzir campanhas de luta e esclarecimentoem relação à defesa da maioria dos interesses dos trabalhadores, que não seja a simples assinatura de contratos de trabalho?

g) Poderá o sindicato conduzir campanhas sobre:
- condições de trabalho na fábrica e no campo;
- abusos legais (legislação oficial, tribunais de trabalho, etc.);
- formas de roubo e humilhação dos trabalhadores, legalizadas com documentos oficiais;
- despedimentos, que apesar de legais segundo as leis corporativas, constituem de facto um atentado à classe trabalhadora.

4.- Concluindo a inevitável limitação da luta através dos aparelhos sindicais, pergunta-se:

1. Quem conduzirá a luta para além das possibilidades legais que o Estado fascista permite aos sindicatos?
2. Essas lutas serão papel de "partido", ou formas de luta da massa de organização de base?
3. Essas lutas devem ser conduzidas de dentro ou de fora dos sindicatos?

*

Os dados fornecidos por este inquérito mostrarão os pontos fundamentais em que incidirá a nossa acção, elucidarão os militantes sobre a natureza das contradições da actual política sindical, permitirão a definiçãode uma linha justa de massas.

que prática seguir?

Em relação à dinâmica da luta de classes, a luta económica é um factor importante; é evidente que essa luta não desempenha o papel fundamental, pois hoje os nossos esforços têm de ser principalmente dirigidos para a educação política, para o desenvolvimento da consciência política da classe operária.

Mas como fazer esta educação política? através da denuncia de casos concretos do dia a dia do povo trabalhador, desmascarando as aldrabices do Governo, pondo a nú as contradições com que a burguesia se debate.

Esta interpenetração da luta económica com a luta política e as contradições que daí resultam, só encontrarão uma solução justa se possuirmos um aparelho político clandestino com uma estratégica definida, estratégia essa que solucionaria os nossos problemas de ordem táctica em relação às lutas de carácter económico.

O facto é que ainda não possuímos esse aparelho político, o Partido. Poderemos apesar dessa falha, avançar hipóteses concretas de trabalho? "O C." julga isso possível, e tem uma linha de acção a propor:

1. a infiltração ao nível sindical só se justifica se o sindicato for efectivamente de massas e não uma simples repartição burocrática;
2. os militantes devem trabalhar ao nível da base, pois é um processo de implantação - o comunista tem de estar onde estão as massas;
3. se existe um grande número de sindicalistas activos, também a infiltração ao nível de estrutura sindical é aconselhavel;
4. a luta económica conduzida pelos nossos militantes desenrola-se essencialmente ao nível da base e dos locais de trabalho; isso implica:
   a) nunca participar na luta sindical até ao nível eleitoral, directivo ou estrutural; a nossa acção desenrola-se ao nivel das massas, recrutando camaradas, desmascarando o reformismo.
   b) organização de comités de fábrica clandestinos (formados inicialmente a partir de núcleos "O Comunista", e numa fase avançada integrando camaradas de outras opiniões políticas; "o que é importante é que esses camaradas percebam que a luta de classes não se limita a exigir melhorias sociais e económicas mas sim a destruição do poder burguês" - "O C" nº3).
   c) actividade clandestina permanente com comunicados e tomadas de posição anti-reformistas, contestando a prática reaccionária do aparelho sindical, avançando uma linha de acção que permita a ligação do económico ao político;
   d) apoio dos movimentos espontâneos do operariado, seu enquadramento e valorização quantitativa e qualitativa.
   e) canalização da insatisfação e revolta permanente das massas, propondo formas realistas de intervenção, audaciosas e sem cair no aventureirismo;
   f) montagem de formas organizativas primárias do proletariado-informação, distribuição de imprensa, caixas de greve, etc.
5. tentar assegurar a participação do maior número possível de camaradas na elaboração das tácticas a seguir, através de consultas permanentes e troca de ideias e experiências em comunicados internos, ou em artigos a publicar na imprensa central ou local.

resumindo:

Sendo o sindicato completamente controlável pelo governo, a primeira conclusão a tirar é que não existem hoje em Portugal, sindicatos operários; o que existe é uma determinada quantidade de militantes sindicais dispostos a tentar "o máximo" dentro dessas estruturas. O que nos poderá levar à conclusão que esses camaradas ainda acreditam nas velhas linhas do trabalho político no interior das organizações corporativas; ao fim e ao cabo, continua-se a seguir a orientação do P.C.P., a "ida para os SN", em vez de se desencadear uma luta que os desmascare como agentes do inimigo dentro da classe operária.

As ambiguidades e hesitações da burguesia em relacção à luta sindical, não nos devem levar a pensar que é possível conquistar grandes vitórias para o proletariado através dos sindicatos; as vitórias que tivermos são as que eles nos consentem, enquanto continuarmos a aceitar a luta no terreno que eles nos indicam. Se queremos ir em frente numa politização progressiva da classe operária, se queremos assistir a uma mudança qualitativa da luta dos explorados, o caminho a seguir é: desmascarar os falsos defensores do proletariado, fortalecer a organização clandestina, enquadrar e impulsionar as lutas de massas, desencadear a luta directa pelo poder.

cont. na pág. 9

(cont. da pág 6)

sindicalismo e luta de classe

O interesse que os comunistas podem ter pelos actuais sindicatos, não é por conseguinte em relação ao controle das estruturas, mas sim ao nível, em relação ao trabalho político na base sindical, as massas trabalhadoras; o que pressupõe que a infiltração dos nossos militantes é inútil em sindicatos que sejam só repartições burocráticas.

Como esta infiltração dos nossos militantes não é uma prática trotskista de tipo "entrismo", precisamente porque não se destina ao controle directivo do aparelho, ela é inútil se não é auxiliada complementarmente por toda uma acção clandestina partidária; esta acção clandestina toma hoje como formas essenciais o recrutamento de quadros, e o lançamento de textos capazes de fazer evoluira consciência política das massas trabalhadoras (nomeadamente no que se refere à ligação da luta económica com a luta política), edição de targetas e comunicados de agitação e de divulgação de lutas de outras fábricas ou regioes.

Nas fábricas encontram-se os núcleos - base da nossa organização; são estes núcleos que irão constituir o futuro Partido.

A forma primária de organização é o comité de fábrica, estrutura clandestina que actua ao nível da reivindicação económica, canalizando essa acção para formas superiores de luta, avançando no combate pelos direitos de classe, recusando a participação no legalismo, politizando progressivamente os movimentos de massas, arma fundamental para a insurreição popular.

CONTRA A COLABORAÇÃO SINDICAL
CONTRA O ECONOMISMO
PELA LIGAÇÃO DA LUTA ECONÓMICA À LUTA POLÍTICA
PELA ORGANIZAÇÃO DE COMITÉS DE FÁBRICA, VERDADEIRAMENTE REPRESENTATIVOS DOS INTERESSES DOS TRABALHADORES
PELO FORTALECIMENTO DE" O COMUNISTA"

NOTAS- (1) Contradições estas agudizadas ao extremo pelo próprio desenvolvimento da luta de massas.

(2) Esta dinamização sindical integra-se nos interesses dos grandes monopólios portugueses, pois são um dos meios de pressão para o esmagamento das pequenas empresas.

(3) Confrontar o discurso do Marcelo Caetano no encerramento do Congresso da ANP em Setúbal.

MAFRA

(cont. da pag 8)

Mafra aponta um caminho que é necessário seguir: Os cadetes aprenderam nesse dia, um método democrático de acção e de discussão, deslocando-se em massa, não se isolando, criando uma assembleia de soldados, discutindo sobre a hierarquia do sistema, denunciando as práticas nazis do nosso exército, preparando-se para continuar a luta.

Camaradas:
Transformemos as lágrimas de desespero que todos choraram no dia do assassinato dos nossos camaradas, no ódio de classe contra os responsáveis por todos os crimes que se abatem diariamente sobre as massas trabalhadoras!

Organizemos a propaganda contra o exército, fazendo-a chegar à população; É necessário que as famílias dos jovens soldados ou cadetes saibam o destino que o Governo prepara para os seus filhos!

Criemos focos de revolta do interior do exército, organizemos a sabotagem no aparelho militar, intensifiquemos a deserção!

Em frente pela Revolução Popular!

(cont da pag 6)

PAQUISTÃO

ram para se porem sobre a protecção da Indira Gandhi proclamam: " Dêm-nos armas para vencermos rapidamente Yaya Khan ou então os Naxalistas vao tomar a direcção, e eles são especialistas de guerra prolongada". - As verdadeiras intenções do bando de Mujibar Rahman são claras; (...) - depois de ajudar à classe dirigente Pakistanesa a oprimir a população do Pakistão Oriental, eles querem agora dar aos reacionários indianos o mercado do Pakistão Oriental.(...) - esta é uma das piores traições.

3. A maneira como os imperialistas americanos, os sociais imperialistas soviéticos e os reacionários indianos apoiaram o dito "Governo de Bengla - Desh" vem mostrar mais claramente a sua natureza (...). É muito provável que, para guardarem só para eles o mercado de produção oriental, os reacionários indianos intervirão militarmente "em socorro" do seu agente Mugibar Rahaman.

É por isto que a Republica Popular da China adoptou uma atitude correcta declarando que "o que estava acontecendo actualmente no Pakistão era unicamente um assunto interno do Pakistão" e que nada justificava uma intervenção "exterior", e que os problemas do Pakistão só serão resolvidos pelo próprio povo do Pakistão:(...)

Ainda mais, os nossos camaradas Chineses agiram plenamente no sentido dos interesses da revolução no nosso sub continente, opondo-se a que os reacionários indianos estabelecessem pela força" um Governo democrático-socialista" da liga Awami no Paquistão Oriental (que se lançaria sem duvida nenhuma, na caça aos comunistas para"salvar o povo do comunismo).

Que a China tenha declarado que se tratava dum assunto interno do Pakistão, isto não pode ser interpretado como um apoio ao Yaya Khan; em consequência de uma tal lógica, a China não apoiaria a luta de nenhum povo pois seria um assunto interno desse povo. O que é um raciocínio absurdo..

4. A luz de todos estes factos, surge claramente que a China não traiu "o internacionalismo proletário", que ela não se comportou de uma maneira "nacionalista estreita e chauvinista' como alguns a acusavam. Se a China tivesse apoiado Mujibar Rahman, então nós teríamos considerado isso como uma traição; pois Mujibar Rahman não é um dirigente nacional, mas um inimigo da nossa causa.

Quando o nosso partido estiver consolidado, quando dos dois lados da fronteira, o exército vermelho combater ao mesmo tempo os reacionários indianos e Pakistaneses, então e só nessa altura a luta será uma real luta de libertação nacional, uma parte da revolução em todo o sub-continente. Se; nesta etapa o Partido Comunista Chinês não nos trouxer o seu apoio moral e político, então e só então, nós consideraremos que ele traiu o internacionalismo proletário(...)

(...)Enquanto Indira Gandhi, se permite apregoar o "seu apoio ao povo sequioso pela liberdade de Bengla-Desh", mais de 100.000 mercenários indianos impedem o povo de Cachémira de exercer o seu direito à auto-determinação, o exército e a polícia indiana deportam os camponeses da zona de guerrilha para campos de concentração, usando métodos de tortura que não ficam nada a dever aos métodos dos nazis e dos fantoches de Saigão, antes pelo contrário.

No nosso solo milhares de revolucionários já ofereceram as suas vidas à Revolução:
"Nenhum de nós deixará a morte dos nossos camaradas sem vingança!"(...)

VIVA O PRESIDENTE MAO GRANDE GUIA DOS POVOS DO MUNDO!

SAUDAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS DOS CAMARADAS INDIANOS

MAFRA: CRIME E RESISTÊNCIA

O Exército é a violência organizada ao serviço da burguesia; é a arma de que o capitalismo se serve para oprimir as massas trabalhadoras, para exterminar o proletariado e os povos que querem ser livres e independentes.

A burguesia sabe que o exército é um dos elementos mais importantes de todo o sistema opressor das forças do trabalho, uma estrutura que não pode permitir no seu seio o menor grau de contestação ou de revolta, grão de areia que emperraria a máquina e a tornaria ineficaz. Daí que o militarismo utilize a disciplina rígida, a hierarquia, a humilhação e os castigos para despersonalizar os jovens trabalhadores e os transformar em autómatos servis - os soldados ao serviço da ditadura burguesa e do colonialismo.

Consequência directa do sistema, o assassinato legal de quatro cadetes em Mafra, no dia 4 de junho.

Eis os factos:

Em Mafra, os instrutores estão lá para terem boas classificações e subirem na hierarquia do exército: Quanto mais duros, melhores notas recebem.

Este ano, a recruta tem sido particularmente dura, havendo exercícios que provocaram a perda de braços e a cegueira de alguns cadetes.

No dia 4 de Junho, o alferes instrutor da 6ª companhia, obrigou os cadetes a entrarem na lagoa. Tinha chovido muito, todos estavam cansados, e a lagoa estava muito acima do normal. Ainda se refilou mas acabou-se por se ser obrigado a entrar. Quatro camaradas encontraram ali a morte, o instrutor salvou-se pela sua maior preparação física, e alguns outros escaparam por sorte. Podiam-se ter salvo se se tivesse mandado para lá os cavalos que andavam perto. Mas pertenciam a um coronel, antigo director de PIDE, e o sargento disse que não tinha autorização.

Começada a notícia a correr cerca do meio - dia, entrou-se para o refeitório; ninguém tocou na comida e começou-se a gritar e a chorar. Gritou-se "não há direito", "bandidos", "assassinos", "a culpa não é do alferes é do sistema", etc. O comandante, um tal Milário, que nunca se "rebaixa" a descer às massas, sentiu o cu quente e veio com lágrimas de crocodilo dizer que havia de ser feita justiça; entretanto, chegava-se à malta que gritava "assassinos" dizendo " tem cuidado rapaz ", etc.

Então chegou um comandante de companhia dizendo "que tinham razão, mas aquilo já tinha ido muito longe", "estava-se a aproveitar daquilo para fins subversivos", o que tinham a fazer era esperar pelo inquérito e que saíssem. Mas ninguém saiu e então chegaram os outros comandantes de companhia e o do batalhão. Este pediu primeiro para saírem, e depois ordenou, e como o presidente da mesa tivesse dito qualquer coisa deu-lhe voz de prisão; mas vendo que a malta estava unida, apressou-se a recuar dizendo que " podia prender se quisesse". Os comandantes começaram a chamar por companhia quando o comandante de batalhão proferiu ameaças e houve uma certa hesitação por parte dos cadetes. Mas começou-se a gritar "não saiam, não saiam" e ninguém saiu..

Acabou-se por sair, quando disseram que podia ir toda a gente de fim de semana para casa. Era sexta feira ao principio da tarde, e não ficou ninguém no quartel. Houve algumas deserções no fim de semana e os cadetes têm estado fortemente vigiados.

Ninguém tocou na comida e deu-se a palavra de ordem reaccionária de ir cada um para a sua caserna discutir o assunto. Mas foi regeitada e decidiu-se ir toda a gente (800 cadetes) em massa para a caserna da 6ª companhia, e daí decidiu-se ocupar uma grande sala (a sala "10").

Um alferes que estava com a chave na mão à beira da sala, recusou-se a abri-la e a malta arrombou-a pela violência.

Nomeou-se uma mesa, e começou-se uma autêntica "Assembleia de Soldados". Houve várias intervenções que achincalhavam a hierarquia, denunciando a essência da máquina de repressão colonial, e acentuando que a luta se devia dirigir contra o sistema e não apenas contra o alferes. Manobra tentada pelas autoridades do quartel, que tentaram cristalizar a questão, atirando as culpas para as costas do seu funcionário (o alferes), tal como os americanos fizeram em relação ao massacre de My Lay com o tenente Calley.

(cont. na pag 7)

os acontecimentos do PAQUISTÃO

Os recentes acontecimentos do Paquistão Oriental provocaram sérios problemas no Movimento Comunista Internacional, incidindo as dúvidas principalmente sobre a posição do Partido Comunista da China.

O "Comunista" entende que o melhor meio de esclarecer todo e qualquer problema, é o de dar a palavra aos militantes revolucionários directamente interessados na questão. Daí que publiquemos o seguinte texto de Maoistas Indianos publicado na "Cause du Peuple", jornal Marxista Leninista Francês.

"Parece-nos que existem 4 erros fundamentais que foram cometidos a propósito do movimento actual no Pakistão Oriental.

1. Este movimento seria um movimento de libertação Nacional, da nação Bengali.
2. Este "dito" Movimento de Libertação Nacional, seria dirigido por um grande patriota de Bengali - o Sheik Mujibar Rahman - e o seu Partido a liga Awami.
3. O povo Chinês em vez de Mujibar Rahman, teria apoiado Yaha Khan.
4. Agindo assim o Partido Comunista Chinês teria traído o internacionalismo proletário, e o dever de todos os camaradas seria de condenar o Partido Comunista Chinês e apoiar Mujibar Rahman.

Nós vamos tentar examinar estes erros um por um:

1. O sub-continente indo-pakistanês é constituído por várias nações, , uma das quais é a grande nação Bengali.

A nação Bengali não é constituída só por 75 milhões de homens do Pakistão Oriental mas também por 35 - 40 milhões de Bengalis do Bengale Ocidental de Assam e de Tripina, que fazem todas parte da India.

Uma "luta de libertação nacional que não considera dignos de serem libertos os 75 milhões de Bengalis do Pakistão Oriental e que condena à perpétua escravatura os 40 milhões de Bengalis da India não pode no sentido marxista leninista do termo ser chamado um "movimento de libertação nacional" (...)

2. Há mais de 18 meses que os nossos próximos companheiros de armas do Partido Comunista do Pakistão Oriental dirigido pelo camarada Mohamed Toha, levaram a luta armada contra a classe dirigente Pakistanesa; nessa época, Mujibar Rahman sonhava ganhar as eleições e vir a ser o primeiro ministro do Pakistão.

Ele tinha relações muito estreitas, as mais amigáveis com os fascistas, fazia tudo o que podia para esmagar a luta armada levada a cabo pelos nossos camaradas, afim de satisfazer as suas ambições. E hoje, que diz ele, ele e os traidores que ainda não foram desmascarados? "Eu sou a única pessoa capaz de defender o Pakistão Oriental do Comunismo". Os seus criados - pelo menos aqueles que não fugi

(cont. na pag 7)